

mentalistas não têm fé. Eles são, na verdade, a imagem especular dos céticos. Num mundo de extrema incerteza, somente verdades incontrovertidas absolutamente seguras promulgadas pelo próprio Deus podem ser confiáveis. (p. 110)

A ideia de fé atrai a reflexão dos psicanalistas por articular a noção de um compromisso amoroso, antes de uma descrição de como as coisas são e funcionam. Seria preciso acreditar para compreender? Podemos afirmar que todo o raciocínio é conduzido por alguma espécie de fé? Para a ortodoxia cristã, como mostra Eagleton, a fé é o que torna possível o verdadeiro conhecimento. O crítico inglês aproxima essa ideia da noção de Lênin, segundo a qual “a teoria revolucionária só pode se tornar completa se tiver como base um movimento revolucionário de massa” (p. 115). Dessa maneira, “o conhecimento é colhido mediante o engajamento ativo, e o engajamento ativo implica fé” (p. 115).

Finalmente, para trazermos ao campo da clínica e da teoria psicanalíticas, lembramos que a entrada na transferência se estabelece por um ato de fé: é somente por ter fé no analista que corremos o risco de nos revelarmos plenamente a ele. O conhecimento que uma análise pode proporcionar ao analisando e ao analista se relaciona com o amor e a fé no analista e na análise.

Referências

- Eagleton, T. (2010). Fé e razão. *Serrote*, 4, 106-128.
- Freud, S. (1994). L'avenir d'une illusion. Em S. Freud. *Oeuvres complètes* (vol. 18). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913).
- Freud, S. (2018). Moisés e o monoteísmo: Três ensaios. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 13-188). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939 [1934-1938]).
- Souza, P. C. (1998). *As palavras de Freud*. São Paulo: Ática.
- Žižek, S. (2008). *In defense of lost cause*. Londres: Verso.

Cristiane Blaha*

O silêncio dos (não) inocentes: Psicanálise, religião, mística e... uma perigosa confusão

Após ter feito da sexualidade nosso Logos e nosso Deus, e do Falo paterno a garantia de identidade, a psicanálise nos convida hoje a recarregar nossas ambições de liberdade em regiões mais móveis, mais arcaicas e não menos ricas em potencialidades: lá, onde o Um (a identidade) não chega a ser; ou então não se contenta em ser somente Um.

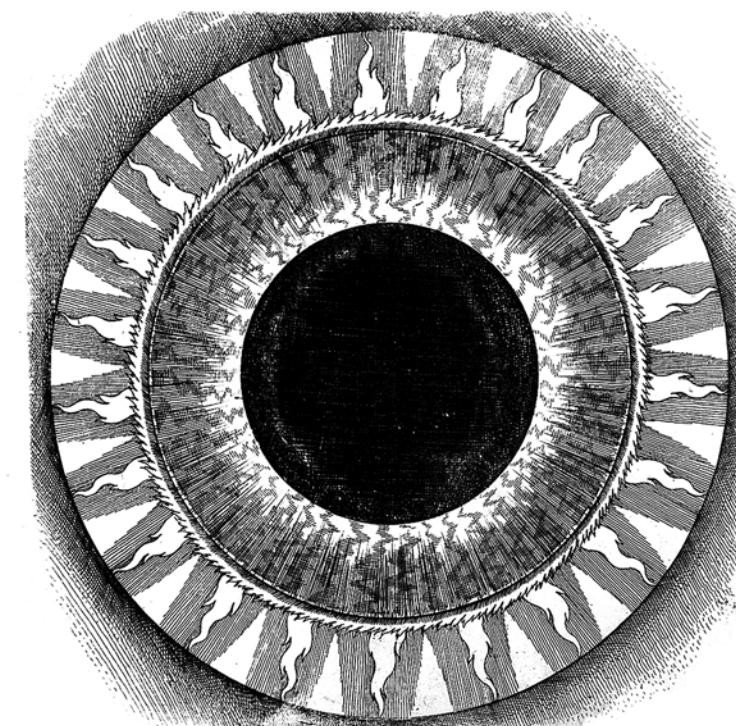
Julia Kristeva

Lou Andreas-Salomé escreveu a Freud – 4 de janeiro de 1930 – (Freud e Andreas-Salomé, 1966 [1912-1936]/1975):

Li o seu *Mal-estar na civilização...* e como no caso do *Futuro de uma ilusão*, surpreendeu-me o fato de que, apesar desse assentimento, a minha – como dizer – atitude frente às questões religiosas permaneça diferente da sua, pelo menos na medida em que o senhor acha difícil

perdoar ao “homem comum” sua religião, enquanto que para mim isso continua a ser um assunto de grande interesse em todas as suas várias formas.

No trabalho de 1927, *O futuro de uma ilusão* (Freud, 1927/2014), Freud formulou a tese de que as ideias religiosas seriam ilusões, criadas pelo homem como expressão de seu desejo de fazer frente ao desamparo, às forças da natureza e, principalmente, ao enigma da morte. Homem do Iluminismo, Freud preocupava-se em dar à psicanálise o estatuto de ciência, afastando-a de qualquer uso religioso, além de acreditar que, num futuro próximo, a ciência teria a maioria das respostas para as aflições humanas, e que muito em breve a religião seria coisa do passado, portanto, sem futuro.



* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

No entanto, quase cem anos depois, a(s) religião(ões), permanecem com muita força em nosso mundo, apresentando inúmeras facetas, das mais solidárias e místicas às mais fundamentalistas possíveis. Dos atentados com homens-bomba à insurgência de grupos de (suposta) supremacia branca cristã, em nome de Deus, mata-se, reprime-se e discrimina-se. No Brasil, nos últimos anos, acompanhamos estarrecidos à perseguição e destruição de templos de culto afro-brasileiros numa escalada de intolerância religiosa jamais vivenciada por nós até então.

Observamos, também, a difusão de uma espiritualidade errante, vamos dizer assim: uma mistura de meditação oriental com devoção a santos católicos, estudo de Cabala, experiências místicas, enfim, um uso de práticas religiosas ao gosto do cliente, num modelo bastante afinado com o mundo contemporâneo, no seu viés mercantilista e narcísico.

Como nós, psicanalistas, podemos nos debruçar sobre esse assunto? O que seria uma boa experiência mística no mundo contemporâneo?

Para termos um pouco de rigor, vejamos qual a definição de mística: “um fenômeno humano de primeira grandeza, uma realidade da mais alta importância. Trata-se, afinal, do ápice da vivência religiosa, do ponto culminante da experiência que o ser humano faz de Deus” (Araújo, 2015, p.7). Segundo esse autor, a experiência mística não cabe em palavras, é fugaz, passageira, e supõe uma atitude de entrega. Além disso, implica na sensação de ruptura dos limites do eu e da comunhão com o divino. Vale ressaltar que existe uma correspondência entre as definições apresentadas por todas as religiões, tanto orientais como ocidentais. Araújo entende que a psicanálise tem todo o direito de se pronunciar sobre a experiência mística, estudá-la, sem, no entanto, achar que tem a palavra final sobre o assunto. Ou seja, que nós, psicanalistas, sejamos cuidadosos e respeitosos em relação a isso, reconhecendo sua existência e não tentando vê-la

como sintoma¹ a ser eliminado.

As questões são muitas, entre elas podemos destacar: se é uma experiência que não cabe em palavras, como pode ser transmitida e acolhida no curso de uma análise? E, mais ainda, “acontece” no campo analítico? Ou, nossa formação nos faz surdos a essa experiência? Sim, porque místico se confunde com misticismo, e essa palavra é conhecida por denominar práticas enganosas.

Freud tinha muita preocupação em dar à psicanálise o estatuto de ciência e mantê-la protegida dos religiosos. Ao longo de sua vida, ocupou-se de inúmeros trabalhos sobre o tema religião e, após a publicação de *O futuro de uma ilusão* (1927/2014), escreveu uma carta a Oskar Pfister, datada de 25 de novembro de 1928, em que afirma tê-lo escrito [*O futuro de uma ilusão*] para proteger a psicanálise da mão dos padres, assim como em *A questão da análise leiga: Diálogo com um interlocutor imparcial* (1926/2014) teve como objetivo proteger a psicanálise dos médicos. O impacto de suas ideias sobre religião foi imenso, e marcou a ferro e fogo seus seguidores, talvez imbuídos pelo mesmo ideal iluminista de triunfo da ciência e de ocaso da religião. Pfister respondeu com a publicação do artigo: *A ilusão de um futuro* (1928/2003), mas é a crítica do amigo Romand Rolland que ficou mais conhecida, já que abre outro trabalho de Freud: *O mal-estar na civilização* de 1930. Em carta a Freud, ele afirma que o que estaria na base do sentimento religioso não seria a nostalgia de um pai protetor, mas a sensação religiosa, o “sentimento oceânico”² que ele viu tanto nos místicos católicos, como nos grandes místicos asiáticos; um sentimento de profunda união com um mundo circundante, ou seja, numa

ausência de fronteiras entre si mesmo e o todo. Freud responde com a frase que ficou célebre: “A mística é tão fechada para mim, quanto a música” (Roudinesco, 1997/1998, p. 668), por sua vez Araújo (2015) destaca que mística e música são experiências inebriantes...

E podemos pensar que a experiência mística não se restringe ao relacionamento com Deus. Ela está, por exemplo, na mais originária das experiências humanas de amor, a relação entre a mãe e seu bebê.

O júbilo diante da natureza, o nascimento de um filho, a experiência amorosa, a emoção diante de uma obra de arte (Kakar, 2018), não são também epifanias da vida cotidiana? O eu que se perde no outro, no imenso da natureza, no cósmico. E nas experiências ruins também: ao ver a Amazônia ardendo em chamas não sentimos nossa própria carne arder?

Sem misturar os canais, pois não se trata de psicanalisar a religião nem de sacralizar a psicanálise (o que muitas vezes acontece), como nos tornarmos menos críticos e mais abertos a esse mundo aonde o sagrado é valorizado? Ou será que criamos um mundo à parte que, no entanto, se julga universal (Kakar, 2018), uma bolha, onde agora pagamos o preço de um certo isolamento por nosso olhar superior de desprezo aos espiritualizados, e aos que não professam nossa fé na psicanálise?

Curioso que as últimas anotações de Freud apontem para o que ficou pendente em sua obra e que agora volta com a força do retorno do recalado: o feminino, a relação materna, o ódio, o místico (Freud, 1937-1938/2018). Ele, que nunca deixou de se questionar, reformular, mesmo não desdizendo aquilo que tinha dito, manteve-se até o final da vida como um pesquisador, criativo e ousado. E nós, ficaremos presos à letra freudiana ou teremos a coragem de interrogar nossas certezas?

Poderíamos dizer que a psicanálise é uma prática de pouca importância para o funcionamento do mundo, e que as religiões dão mais problemas do que soluções. É verdade. Mas, observem, onde existe a prática da psica-

nálise e liberdade religiosa, há liberdade.

Referências

- Freud, S. e Andreas-Salomé, L. (1975). *Correspondência completa Freud-Lou Andreas-Salomé*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1966 [1912-1936]).
- Araújo, R. T. (2015). *Experiência mística e psicanálise*. São Paulo: Loyola.
- Freud, S. (2014). A questão da análise leiga: Diálogo com um interlocutor imparcial. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 17, pp. 124-217). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 17, pp. 231-301). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (2018). Conclusões, ideias, problemas. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 363-364). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937-1938).
- Kakar, S. (2018). “A psicanálise será uma moderna prática de meditação” - Uma conversa com Sudhir Kakar. *Calibán - Revista Latino-Americana de Psicanálise*. 16(2), 190-201.
- Kristeva, J. (2013). A religância, ou do erotismo materno. *Ide*, 35(55), 205-218.
- Pfister, O. (2003). A ilusão de um futuro. Em K. H. K. Wondracek (org). *O futuro e a ilusão: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1997).

1. O que não invalida que possa ser entendido, em análise, como um sintoma de determinado paciente.

2. Tomado do literato Ramakrishna que, por sua vez, tirou de um texto sânscrito medieval. A metáfora não poderia ser mais feliz: o oceano, com efeito, é um símbolo perfeito de uma totalidade sem fronteiras em que multiplicidades se dissolvem e os opostos se fundem. (Araújo, 2015).